

Vida, morte e luto

Atualidades brasileiras

KARINA OKAJIMA FUKUMITSU (org.)



VIDA, MORTE E LUTO
Atualidades brasileiras

Copyright© 2018 by autores
Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Capa: **Alberto Mateus**

Imagem de capa: **“A morte e a donzela”, Egon Schiele (1915).**

Österreichische Galerie Belvedere, Viena, Áustria

Diagramação: **Santana**

Impressão: **Sumago Gráfica Editorial**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

| | |
|--|-----------|
| PREFÁCIO | 9 |
| <i>Gilberto Safra</i> | |
| APRESENTAÇÃO | 15 |
| <i>Karina Okajima Fukumitsu</i> | |
| 1. MORTE COM DIGNIDADE | 29 |
| <i>Maria Julia Kovács</i> | |
| 2. ESPIRITUALIDADE, FINITUDE HUMANA, MEDICINA E CUIDADOS PALIATIVOS | 49 |
| <i>Leo Pessini</i> | |
| 3. EDUCAR PARA A MORTE: CUIDAR DA VIDA | 62 |
| <i>Nely Aparecida Guernelli Nucci</i> | |
| 4. A NECESSIDADE DA PLENA ATENÇÃO NA VIDA E NA MORTE | 75 |
| <i>Monja Coen Roshi e monja Heishin</i> | |

| | | |
|------------|---|-----|
| 5. | CUIDADOS E INTERVENÇÕES PARA PACIENTES CARDÍACOS: O DESAFIO ENTRE A VIDA E A MORTE | 89 |
| | <i>Mayra Luciana Gagliani, Elaine Marques Hojaj e Protásio Lemos da Luz</i> | |
| 6. | MORTE POR AIDS, PERDAS E LUTO | 104 |
| | <i>Elvira Maria Ventura Filipe e Emi Shimma</i> | |
| 7. | O CUIDADO INTEGRAL E OS DESAFIOS DE CONVIVER COM A DOENÇA RENAL CRÔNICA | 118 |
| | <i>Ana Catarina Tavares Loureiro e Maria Carlota de Rezende Coelho</i> | |
| 8. | CUIDADOS COM O PACIENTE ONCOLÓGICO | 127 |
| | <i>Marcello Ferretti Fanelli e Maria Luíza Faria Nassar de Oliveira</i> | |
| 9. | CUIDADOS PALIATIVOS NO SÉCULO 21 | 141 |
| | <i>Daniel Neves Forte e Daniela Achette</i> | |
| 10. | INTERVENÇÃO NA CRISE SUICIDA: SILENCIAR DETERMINANTES OU PRODUZIR SENTIDOS E AÇÕES NA RUPTURA? | 155 |
| | <i>Fernanda Cristina Marquetti e Pedro Morales Tolentino Leite</i> | |
| 11. | DA PSICOLOGIA DOS DESASTRES À PSICOLOGIA DA GESTÃO INTEGRAL DE RISCOS E DESASTRES | 166 |
| | <i>Elaine Gomes dos Reis Alves</i> | |
| 12. | QUANDO A MORTE CHEGA EM CASA: O LUTO E A SAUDADE | 182 |
| | <i>Teresa Vera de Sousa Gouvêa</i> | |

| | |
|--|-----|
| 13. PESQUISAS E PRÁTICAS SOBRE LUTO NO EXTERIOR E NO BRASIL | 193 |
| <i>Maria Helena Pereira Franco</i> | |
| 14. LUTO NÃO AUTORIZADO | 207 |
| <i>Gabriela Casellato</i> | |
| 15. SUICÍDIO, LUTO E POSVENÇÃO | 216 |
| <i>Karina Okajima Fukumitsu</i> | |
| 16. CONECTAR ENLUTADOS: DO DEGRADAR AO DESPERTAR E PROSSEGUIR | 232 |
| <i>Gláucia Rezende Tavares</i> | |
| 17. PÓS-GRADUAÇÃO MULTIPROFISSIONAL EM TANATOLOGIA: VALORIZAÇÃO DA VIDA | 243 |
| <i>Patrícia Carvalho Moreira</i> | |
| 18. CUIDADOS NA DIVULGAÇÃO DA MORTE POR SUICÍDIO E POR HOMICÍDIO: UMA PERSPECTIVA CRÍTICA | 257 |
| <i>Avimar Ferreira Júnior e Marcos Emanuel Pereira</i> | |

Prefácio

Gilberto Safra

O LIVRO *VIDA, MORTE e luto – Atualidades brasileiras*, organizado por Karina Okajima Fukumitsu, oferta-nos a possibilidade de entrar em contato com significativa produção de pesquisadores voltados para o tema da morte, dimensão fundamental a ser discutida e manejada no cuidado do ser humano.

Com o desenvolvimento do pensamento científico e da tecnologia, a morte tem sido cada vez mais combatida e escamoteada, a ponto de muitas vezes encontrarmos pessoas em situação terminal que se sentem culpadas por seu adoecimento e pela iminente possibilidade de morrer. Em consequência, o tema da morte desapareceu da cultura do cotidiano, o que impediu os indivíduos de contar com repertórios simbólicos para enfrentar a morte e o luto.

Este livro contribui para a reinserção da questão da morte na cultura, para que profissionais e leigos compreendam em profundidade um tema tão urgente no trato das questões fundamentais da existência humana.

Ao longo de minha experiência clínica, tenho tido a oportunidade de investigar e conduzir processos nos quais a morte se

tornou um acontecimento a ser acolhido e testemunhado. O viver humano é contínua transformação!

A cada etapa de vida precisamos rever nosso modo de ser, nossa identidade e nossa maneira de nos colocar no mundo. Esse percurso traz, em diversas situações, angústia, dor e desorientação. Durante o processo maturacional, o indivíduo depara com a mudança na imagem de si e com a perda da situação anterior de sua existência, o que o coloca diante do morrer e do sentido último de estar vivo. Poder vir a morrer, psicológica e existencialmente falando, demanda que se tenha dado uma direção à existência que implicou a realização de si.

O ser humano alcança o sentido da vida por meio de sua criatividade, ou seja, por sua capacidade de usufruir os pequenos momentos do dia a dia, por seu trabalho, por suas obras, pela participação na educação das novas gerações, pela ação política. Assim, abre-se para o fundamento de si mesmo: a sua transcendência. Isso significa que a realização humana acontece porque a cada gesto nos abrimos para o mais além do imediato. Ao tomarmos, com satisfação, um cafezinho, usufruímos o seu sabor e também as nossas memórias (alegres ou tristes), o prazer de deixar o tempo correr, a companhia do outro; ao contemplarmos nossos filhos brincando, abrimo-nos para a beleza da vida – com suas dores e seus desencontros –, para a gratidão pela existência (a nossa e a dos outros).

No mundo contemporâneo, lidar com as situações de perda e com a morte torna-se mais difícil, pois o viver está subordinado à produção, ao imediato, à imagem estética bidimensional, o que eclipsa o sentido da vida humana. A experiência de transcendência fica como que esquecida e estancada. O indivíduo, sentindo-se

uma peça na cadeia de produção, enxerga-se como inútil; sua vida lhe parece cinza. O resultado é o aparecimento de uma crise de identidade, acompanhada de depressão e de tédio, sem a possibilidade de vislumbrar um sentido último para a existência – o que torna o morrer semelhante à experiência de aniquilação de si.

Creio que na atualidade seja necessário recuperar a memória dos elementos mais fundamentais da condição humana, para que possamos acolher de maneira mais rica nosso destino e assim contemplar a principal dimensão do processo de nossa existência: a possibilidade de morrer sustentada pela experiência de sentido. O que nos caracteriza não é nossa capacidade de produzir mercadorias, mas de emprestar, criar e revelar sentidos por meio de nosso agir, de nosso trabalho. A vocação humana é fundamentalmente poético-religiosa: é inerente ao homem a capacidade de encantar-se com o cotidiano e enxergar nele o eterno.

Sem a perspectiva de uma vida criativa, que implique a transformação contínua do dia a dia, ocorre a morte em vida – que se caracteriza pela alma entristecida, pela espiritualidade adoecida e pela morte vista como agonia.

A vida humana pode acontecer pontuada por experiências de diferentes tipos de morte, que não só anunciam o final de nossa existência como também afetam o modo como interpretamos o fenômeno do morrer. A seguir, descreverei algumas modalidades de compreensão da morte decorrentes de impasses existenciais e psicológicos que muitas vezes dificultam lidar com a experiência de morte e da perda das pessoas queridas.

A primeira delas se refere ao não acontecimento de si, ou seja, situações que levam o ser humano a se ver diante da questão do não ser. É impensável morrer para quem nunca conseguiu ter a

experiência de si como real entre os outros seres humanos – perspectiva que ocorre quando se vivencia o amor hospitaleiro oferecido por outro ser humano.

Quando falamos do não ser, referimo-nos a todas as vivências e agonias impensáveis, aquelas nas quais a pessoa experimenta um tipo de sofrimento sem tempo nem espaço – portanto, trata-se de uma dor psíquica vivida como infinita. Essas experiências podem invadir o indivíduo como algo sem forma, sem limites, eterno; trata-se da solidão decorrente da ausência do abraço do outro.

A segunda modalidade de experiência de morte é aquela na qual a pessoa pôde realizar certas potencialidades de seu modo de ser ao longo da existência, mas sente que há outras que ainda não chegaram a acontecer. Nessa situação, o indivíduo teme que a morte o surpreenda antes que ele alcance a realização de si em outras áreas da vida. A morte é vivida como um grande “não”, um impedimento de vir a ser. A grande ceifadora de possibilidades de existir.

A terceira modalidade relaciona-se ao fato de que uma criança, ao nascer, o faz em um mundo já existente e regido por determinados códigos sociais, costumes e tradições. Um dos aspectos importantes no nascimento de uma criança é que, à medida que ela se desenvolve, precisa experimentar o campo social como poroso ao seu gesto e ao seu modo de ser. A questão que aqui se coloca é: que possibilidade real o indivíduo tem de acontecer no mundo com os outros?

O universo preexistente à criança sustenta-se no campo social, no qual os costumes, as regras, os códigos e a linguagem dão durabilidade à experiência humana. Esta não pode existir apartada dos indivíduos da sociedade. Em determinada etapa, a pessoa precisa se inserir no campo social por meio de sua relação com

outros seres humanos. Como exemplos desse fenômeno estão, por exemplo a necessidade de pertencer a grupos e instituições.

A inserção de si na durabilidade do mundo é extremamente importante para compreendermos os fenômenos de desenraizamento cultural e de exclusão social, nos quais o indivíduo, quando não encontra um grupo ao qual possa pertencer, experimenta angústias relacionadas a agonias impensáveis. Nessas situações, ele se sente morto em vida. Na atualidade, em decorrência das características da nossa sociedade, é frequente a experiência da morte de si no campo social. A dificuldade de inserção profissional, por exemplo, gera grande angústia. A vivência da morte de si no campo da realidade compartilhada é vivida como agônica.

Na quarta possibilidade de experiência de morte, há uma passagem do social ao cultural. O indivíduo consegue se inserir no campo social por meio da participação em grupos e instituições, nos quais experimenta pertencimento. Mas há também a necessidade de participar da história humana, contribuindo para as gerações que nos sucedem. Por meio de sua obra, a pessoa consegue inserir-se no mundo. Pode ser um filho, uma árvore, um livro, uma música, um rito, uma ação política, um gesto: a obra como gesto criador humano deve ser compreendida como ação que transforma o mundo.

Quando o indivíduo sente que pode realizar um gesto como ação transformadora do mundo, ou como ação que signifique a inserção de si mesmo na história do mundo, estará em condições de posicionar-se diante da morte como oferta de si e não mais como experiência agônica. Isso lhe permite superar a identificação de si com uma imagem parcial identitária para vir a identificar-se com o fluir da vida e com o próprio processo histórico. A

realidade da vida e da história humana passam a ser mais importantes do que a individualidade em si mesma. Nesse horizonte, torna-se mais fácil receber a morte, pois ela deixa de ser vivida como aniquilação para ser encarada como uma etapa necessária à continuidade da vida e da história humanas.

Na quinta modalidade de posicionamento diante da morte, a vida é experimentada como processo histórico, no qual a morte é um gesto criativo. Esta é, eventualmente, acolhida como realização final do processo de vida. Nesse caso, a morte acontece com serenidade.

Lembro-me da última conversa que tive com meu avô antes de ele falecer. Ao visitá-lo, ele me levou para o quintal de sua casa, mostrou-me a sua horta, as novas ferramentas que havia feito em sua forja (instrumento de trabalho ao longo de sua vida) e disse: “*É isso que mantém a minha alma viva. Cuidar da horta, continuar a fazer coisas na forja. Se eu não transformo as coisas tudo morre. O quintal se enche de mato, o ferro enferruja e eu morro...*”

Essas foram frases de despedida de meu avô para mim. Nelas se presentificava a sua experiência de vida e o saber que acumulara sobre o existir. Naquele quintal ele transmitia à minha geração a importância do trabalho, compreendido como ação criativa de transformação do mundo.

Quando posicionada devidamente, a morte é guardiã da memória dos fundamentos da condição humana. A possibilidade de ampliar nosso repertório simbólico para lidar com ela permite que evoquemos a sabedoria decorrente do percurso pela existência. No diálogo com os diferentes capítulos deste livro, temos a possibilidade de acessar um saber que nos auxilie a caminhar em direção ao final de nossa vida em companhia da serenidade.

Apresentação

Karina Okajima Fukumitsu

A DECISÃO DE ORGANIZAR uma obra sobre a atualidade brasileira dos estudos sobre vida, morte e luto surgiu em 2014, quando deparei com a possibilidade de minha morte ter chegado. Na ocasião, fui acometida por uma inflamação cerebral denominada *Acute Disseminated Encephalomyelitis* (Adem). Eu precisava ampliar minha motivação para continuar viva, para enfrentar os obstáculos que surgiam e os que eu antecipava. Por isso, ainda em remissão, ofereci a proposta à equipe da Summus Editorial.

Da ameaça da aniquilação – entre outras incertezas, perguntas, impotências e dúvidas –, surgiu a convicção de que eu deveria organizar um projeto que abordasse os aspectos que causam sofrimento em virtude do impacto de adoecimentos e de temas áridos que acometem os seres humanos e acabam prejudicando o viver de maneira fluida. Desse modo, a proposta se diferencia por tratar didática e profundamente do tema dos cuidados e intervenções em situações-limite que temos de enfrentar em vida.

Não foi nada fácil organizar esta obra e, por isso, mais uma vez agradeço aos autores pela importantíssima colaboração para que este projeto fosse concretizado. Como reza o dito popular, “uma

andorinha só não faz verão”. Tive o privilégio de receber a colaboração de profissionais brasileiros consagrados em suas áreas. Cada um deles, com sua *expertise*, abrilhantou este livro, pois ofereceu didaticamente informações sobre cuidados e intervenções de suas áreas específicas, bem como demonstrou seu amor pelo tema com que escolheu trabalhar. Os colaboradores expressaram sua maneira peculiar de transcender na vocação, transformando sua profissão e suas atribuições em arte do ofício. São, portanto, artistas, porque transformam o dia a dia das dores alheias em compreensão, acolhimento e cuidado ao sofrimento humano.

Por acreditar na valorização da vida e dos aspectos que viabilizam o bem-estar biopsicossocial, redobrei os esforços para que este livro se tornasse, além de uma contribuição para os profissionais da saúde, um estímulo para a aprendizagem sobre os assuntos aqui abordados nas lides acadêmicas dos cursos de Psicologia, Medicina, Assistência Social, Enfermagem, Fisioterapia, Terapia Ocupacional etc. Portanto, o público a que se destina é composto de profissionais da área da saúde em geral e estudantes de graduação, especialização, aperfeiçoamento e pós-graduação das diversas áreas desse campo.

A tônica da obra recai sobre a necessidade de atenção aos cuidados em relação a inúmeras adversidades, considerando tanto as enfermidades biológicas, físicas e espirituais quanto os espectros das intempéries que experienciamos em situações-limite. Nessa perspectiva, trata-se de um convite para olharmos para o sofrimento humano com mais atenção e zelo. Às vezes, lidar com a dor é muito mais difícil que a própria morte. A maneira de lidar com o sofrimento diz respeito à nossa capacidade humana. Se sofrer é inerente a quem está vivo, somos convocados a olhar

para a dor, principalmente para a dor que incomoda, atrapalha o dia a dia, torna-se interdita e vira tabu.

Em 2009, participei da seleção do doutorado, ocasião em que conheci a professora doutora Maria Julia Kovács, coordenadora do Laboratório de Estudos Sobre a Morte (LEM-USP) – que, além de ser minha supervisora tanto do doutorado quanto do pós-doutorado, é a pessoa a quem devo intenso agradecimento por compartilhar sua imensa sabedoria e por ser a maior apoiadora para que este projeto fosse concretizado. Julia questiona em suas aulas e palestras: “Por que é tão difícil falar sobre a morte se ela está na vida e no cotidiano? Como não admitir e autorizar que a morte faça parte do dia a dia? Ela faz parte, mas ninguém fala sobre isso. E quem não fala sobre a morte deixa de falar sobre a vida”. Seu apoio inestimável também foi manifestado pelas várias intermediações com alguns dos ilustres autores desta obra. Este livro é, portanto, uma homenagem e agradecimento a esse ser humano a quem intitulei carinhosamente de SDC (sonho de consumo) e sempre estimulou a educação sobre a morte.

O significado da vida é incógnito para muitos, mas, para mim, ele se tornou nítido quando compreendi que, ao receber um bônus de tempo, eu deveria “fazer direito”, aparar as arestas dos meus erros, finalizar meus projetos e fazer de tudo (e um pouquinho mais) para que meus sonhos se tornassem realidade. Esta obra é um exemplo de que, embora adversidades e inúmeras dificuldades surjam durante o percurso, esforço, empenho, dedicação, plena atenção no que se faz, determinação e uma pitada de ousadia são ingredientes para que um dia o sonho se torne uma realidade. A seguir, apresento o sonho que se concretiza neste trabalho.

Maria Julia Kovács inicia seu capítulo, “Morte com dignidade”, contextualizando as mortes indignas no século 21. Esclarece as diferenças entre os termos utilizados para as formas de morrer, destaca a importância dos cuidados paliativos com base na pesquisa e na argumentação de estudiosos da área e evidencia as diretivas antecipadas de vontade (DAV) como um importante instrumento no combate à distanásia. A autora propõe significativa e profunda reflexão sobre a necessidade de formação de “competências humanas dos profissionais, envolvendo empatia, compaixão e solidariedade”. Além disso, ressalta o respeito a ser ofertado aos pacientes gravemente enfermos, cujos valores e desejos devem ser considerados, e a atenção para a qualidade de vida digna, que “demanda particularização, compreensão do significado e dos sentidos pessoais”.

O ser humano não pode ser meramente “reduzido à sua dimensão biológica orgânica”. É assim que o padre Leo Pessini inicia o capítulo “Espiritualidade, finitude humana, medicina e cuidados paliativos”. Um de seus questionamentos cruciais é o seguinte: a fuga da dor, aquela que “perturba e desnorteia a vítima”, é o caminho a ser trilhado para a felicidade tão almejada? Ou deveriam as instituições de saúde absorver a dor e a morte, sustentando o enfrentamento de ambas e permitindo que a felicidade ganhasse espaço inclusive entre aqueles que almejam também a qualidade de vida? Generosamente, padre Leo oferece ao leitor uma vasta bibliografia sobre a dimensão espiritual como componente importante para a busca de sentido à vida e à saúde dos seres humanos. Articulado medicina, espiritualidade, mistérios do sofrimento humano e da morte e cuidados para a preservação da vida, ele afirma que “o último

capítulo da vida é a última oportunidade de viver toda sua potencialidade”.

No capítulo “Educar para morte: cuidar da vida”, Nely Aparecida Guernelli Nucci apresenta, com base em sua sensível trajetória como educadora, a importância do ato de educar – visto como sinônimo de “fazer crescer”. Nely relata sua ousadia ao incluir o tema da morte na grade curricular da graduação de Psicologia, pontuando: “Como atingir esse pretensioso objetivo de educar sobre a morte e o morrer sem ser superficial, mórbida ou desafiante?” Por meio de sua brilhante jornada profissional, bem como da descrição de experiências pessoais e dos alunos, a autora destaca as peculiaridades necessárias para compreender as nuances do cuidado do processo ensino-aprendizagem, que só tem sentido quando há respeito à singularidade. Ou, nas palavras dela, “cada um com sua história, uma biografia em elaboração, experiências adquiridas, conhecimentos assimilados que devem ser ‘trocados’ com os do educador”.

O capítulo “A necessidade da plena atenção na vida e na morte”, escrito pelas monjas Coen Roshi e Heishin, versa sobre a necessidade da atenção plena em nossa existência. Ao compararem a vida com uma onda no mar, elas exaltam a importância de observar com atenção nossa singularidade existencial. “Quem não observa em profundidade a si mesmo pensa que é sempre a mesma pessoa.” A observação, capacidade humana de se questionar e de despertar individual e coletivamente, pode ser uma das direções para uma vida com mais sentido. As autoras deixam clara a importância de os indivíduos pensarem sobre a morte e falam da necessidade de perceber cada instante. A compreensão acerca da impermanência e da efemeridade da existência é cru-

cial para quem existe. Podemos-nos inspirar pela experiência de cada momento como se fosse único, cada instante como um período em si mesmo. Ou, como monja Heishin, discípula de monja Coen Roshi, compartilha em seu tocante e sensível depoimento, “tornando cada momento todas as possibilidades”.

Mayra Luciana Gagliani, Elaine Hojaj e Protásio Lemos da Luz, autores do capítulo “Cuidados e intervenções para pacientes cardíacos: o desafio entre a vida e a morte”, mostram que o coração é um órgão vinculado “à vida e aos sentimentos, às situações de perigo”. Refletindo sobre as UTIs, as novas tecnologias empregadas no tratamento do paciente cardíaco e o trabalho em equipe multiprofissional, eles pontuam os dilemas e o intermeio entre “o curar e o cuidar” e a polaridade das experiências, ora angustiantes, ora satisfatórias e benéficas. Enfatizam que silenciar e negar a proximidade da morte não auxilia no processo do morrer, tampouco no acalanto dos corações aflitos do paciente e de sua família. Nesse sentido, os autores destacam a importância do “comprometimento da equipe com honestidade e dedicação”. Além de toda preciosa contribuição sobre os temas supramencionados, eles abordam ainda a angustiante realidade das UTIs neonatal e infantil e do adoecimento na infância. Finalizam o capítulo levantando uma pergunta relevante que todo profissional da saúde que enfrenta diariamente a morte deveria se fazer: “até quando investir?”

“Morte por aids, perdas e luto”, capítulo escrito por Elvira Maria Ventura Filipe e Emi Shimma, considera as mudanças de percepção relacionadas à enfermidade. Antes, “a aids era uma sentença de morte. Hoje, é considerada uma doença crônica”. O capítulo aborda a complexa trajetória do paciente acometido pela doença, do

momento do diagnóstico até seu adoecimento e morte. As autoras começam discorrendo a respeito do luto experienciado a cada nova etapa enfrentada pelo paciente com aids. E o luto, que exige energia psíquica hercúlea, percorre um caminho árduo de diversas perdas decorrentes do HIV/aids: da imortalidade, da identidade, da saúde e das esperanças. Após a turbulenta vivência das perdas, inicia-se a etapa da reorganização de vida, destacando-se a tríade de figuras de apego importantes para o processo de recuperação: a religião, os filhos e os profissionais de saúde.

Ana Catarina Tavares Loureiro e Maria Carlota de Rezende Coelho versam sobre os desafios de conviver com a doença renal crônica e apresentam o cuidado integral ao paciente, que deve ser apoiado “em três pilares: diagnóstico precoce da doença, encaminhamento imediato para tratamento nefrológico e otimização de medidas para preservar a função renal”. Apresentam os desafios enfrentados pelos pacientes “para assimilar e gerenciar tantas informações novas e tantas alterações nos hábitos de vida” e apontam os riscos de suicídio, endossando sua prevenção. Assim, o capítulo “O cuidado integral e os desafios de conviver com a doença renal crônica” reflete sobre a necessidade de o profissional de saúde adotar uma conduta de cuidado integral pela qual deverá aprimorar sua escuta atenta e zelar pela espiritualidade, que difere do senso comum como “proposta terapêutica complementar e não alternativa”.

Marcello Ferretti Fanelli e Maria Luiza Faria Nassar de Oliveira iniciam o capítulo “Cuidados com o paciente oncológico” apontando a estatística dos óbitos causados pelo câncer. Apresentam uma definição da enfermidade, diferenciando doença genética de doença hereditária, e retratam os princípios de

diagnóstico e do tratamento oncológico, suscitando esperança quando apontam que “técnicas menos invasivas têm ganhado muito espaço”. Além disso, preconizam ser necessário que o profissional adote uma forma integrada no tratamento a fim de “reconhecer em cada indivíduo a melhor maneira de ajudar”. Versando a respeito das alterações orgânicas, psiquiátricas e psicológicas das pessoas acometidas pelo câncer, os autores consideram que o esclarecimento de “todos os aspectos da doença, do tratamento e do prognóstico” são a base para auxiliar o enfrentamento do câncer, tanto no caso do paciente quanto de sua família. Porém, como eles afirmam, “nem sempre esse processo de informação é retilíneo e fácil de ser implementado”.

No capítulo “Cuidados paliativos no século 21”, Daniel Neves Forte e Daniela Achette apresentam de maneira didática o conceito de cuidados paliativos (CP) e consideram as terapias utilizadas para melhorar a qualidade de vida de pacientes e de seus familiares, que sofrem emocional e existencialmente. Nesse sentido, apontam a correlação entre os cuidados paliativos e o cuidado centrado na pessoa, cujo objetivo é “a preservação da dignidade”. Abordam a compreensão da dor total, conceito elaborado por Dame Cicely Saunders, e postulam: só compreendendo o que o adoecimento significa para cada paciente e para sua família será possível vislumbrar as intervenções que mais o beneficiarão. Nas palavras dos autores, “é essa combinação de atenção meticulosa na abordagem multidimensional que preconiza o controle impecável de sintomas físicos, emocionais, sociais e espirituais”.

A intervenção em crise suicida é uma prática que requer a humildade do não saber e o reconhecimento das “incertezas a respeito de tudo que pode ter por efeito uma manifestação suíci-

da”. Assim Fernanda Cristina Marquetti e Pedro Morales Tolentino Leite iniciam o capítulo “Intervenção na crise suicida: silenciar determinantes ou produzir sentidos e ações na ruptura?” Propondo que “toda crise é uma crise de sentido”, os autores tecem considerações sobre dois tempos: “o tempo processual da ruptura e o tempo ápice de sua resolução”. Além disso, diferenciam prevenção de coerção e advogam a suspensão das tradicionais explicações e propostas interventivas cujo propósito normalmente é conter a crise suicida. Os autores conduzem o leitor à intrigante reflexão sobre a inclusão do “princípio de incerteza” como aspecto primordial na conduta investigativa que proporciona a intersecção entre o sentido do ato de se matar e a ação, recolocando o sujeito que tentou o suicídio como aquele que, mesmo se estranhando, age para se reposicionar.

“Da psicologia dos desastres à psicologia da gestão integral de riscos e desastres”, texto escrito por Elaine Gomes dos Reis Alves, apresenta a definição do desastre segundo a perspectiva psicológica e nos orienta para uma proposta da psicologia da gestão integral de riscos e desastres. A autora destrincha os primeiros cuidados psicológicos no manejo dos efeitos e consequências dos desastres na vida das vítimas e daqueles que as cercam. Elaine aborda os comportamentos humanos comuns durante uma catástrofe e o luto dela resultante. Fazendo considerações a respeito da ampliação das possibilidades de prevenção, ela menciona as etapas da psicologia da gestão integral de redução de riscos e desastres e finaliza com um alerta: a importância de cuidar dos profissionais que atuam em emergências e desastres.

Com a sensibilidade de Teresa Vera de Sousa Gouvêa, introduzo outro tema importante desta obra: o luto. Em “Quando a mor-

te chega em casa: o luto e a saudade”, a autora explica que encontrou na escrita um lugar para acalantar seu coração e sua alma, que ficaram dilacerados quando as mortes a invadiram. Tornou-se escritora e suas reflexões são um deleite para quem as lê, pois traduzem belamente a diversidade de sentimentos que nos confundem quando alguém que amamos morre. Teresa é também psicoterapeuta e dessa maneira acolhe, em sua atitude terapêutica, as pessoas em luto. Acompanha, dá colo e legitima a necessidade de ofertar um lugar que se perde em virtude da árdua despedida, do enfrentamento dos primeiros dias, do luto e da saudade. “A morte chega à nossa casa num dia qualquer, interrompe um projeto, engaveta sonhos, esvazia os abraços, emudece a voz, silencia os passos” – palavras que refletem o vazio, a tristeza e a falta de sentido quando perdemos alguém. A autora fala também da importância do tempo “para que o pensamento convença o coração sobre a vida, suas chegadas e partidas”.

Maria Helena Pereira Franco nos presenteia com o capítulo “Pesquisas e práticas sobre luto no exterior e no Brasil”. Fundadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu), ela oferece apontamentos sobre as especificidades dos lutos: normal, complicado, prolongado e antecipatório. Além disso, analisa o papel da tristeza no luto, “num mundo que valoriza a alegria, o sucesso, o bem-estar, o esquecimento e não as lições da memória”. Pioneira na área, a autora ressalta que de início havia escassez de pesquisas sistemáticas e publicadas sobre luto, mas hoje há no Brasil um crescimento significativo tanto nas pesquisas como nas práticas clínicas para trabalhar com o tema. Maria Helena é, sem dúvida, um dos ícones dos estudos sobre o luto no Brasil. Ouso afirmar que grande parte do mérito de as pesquisas brasi-

leiras receberem credibilidade e se destacarem de maneira profícuca no campo científico aconteceu graças a seu engajamento, rigor epistemológico, preocupação em conjugar pesquisa e prática e oferta de atenção e cuidado ético às pessoas enlutadas.

Gabriela Casellato inicia o capítulo “Luto não autorizado” tecendo considerações sobre o luto não franqueado e destacando as variáveis culturais, sociais, de estilo e de gênero, bem como as condições espirituais, que afetam o processo de luto e seu franqueamento. Ensina também que o fato de o luto ser ou não autorizado, banalizado e inibido depende do “espectro contínuo de expressões do pesar que varia do estilo predominantemente intuitivo ao estilo predominantemente instrumental de expressão de pesar”. Quando o respeito às diferenças não ocorre, a censura expressiva emerge. Nesse sentido, a autora aponta os aspectos importantes no cuidado ao enlutado. Segundo ela, “a validação faz parte da tarefa do psicoterapeuta”, ao lado do “exercício da empatia e do franqueamento do sofrimento psíquico”, pois quando não há confirmação da dor o processo de luto pode complicar-se.

Em “Suicídio, luto e posvenção”, compartilho as lembranças infantis de ter uma mãe que tentou o suicídio desde que eu tinha 10 anos de idade. Com base nessa vivência, escolhi ser psicóloga e tornei-me suicidologista. Meu objetivo principal era, além de compreender o suicídio, encontrar maneiras de acolher o sofrimento existencial. Da prevenção ao suicídio, foco inicial de meu trabalho como psicoterapeuta, debruicei-me sobre a pesquisa na posvenção, dedicando-me aos cuidados e às intervenções com os enlutados pelo suicídio – os sobreviventes. Partindo da experiência com clientes e depoentes de minhas pesquisas de doutorado e pós-doutorado, proponho aqui reflexões acerca dos sentimen-

tos, medos e pensamentos mais comumente citados pelos enlutados, apresentando possibilidades interventivas para o acolhimento àqueles que foram impactados pelo suicídio.

No capítulo “Conectar enlutados: do degradar ao despertar e prosseguir”, Gláucia Rezende Tavares e seu marido, Eduardo Carlos Tavares, contam que após a perda da filha, aos 18 anos de idade, criaram a Rede de Apoio a Perdas Irreparáveis (API) – referência brasileira para pessoas que tentam se reconciliar após a perda de um(a) filho(a). O casal fez escola não somente no sentido educativo, mas também porque há anos oferecem ensinamentos sobre as possíveis maneiras de lidar com o sofrimento advindo de uma perda irreparável. Como eles sabiamente escrevem, “desesperar-se é desamparar-se”. Aliás, é importante destacar que com Gláucia fui agraciada pela aprendizagem sobre a origem da palavra *trauma*, que “vem do grego e significa ferida. Fé (r) ida – perder a fé, a esperança diante da dor”.

No capítulo “A experiência de ser coordenadora de pós-graduação em Tanatologia”, Patrícia Carvalho Moreira compartilha sua vivência de ser coordenadora do primeiro curso de pós-graduação nessa área no Piauí. Um dos objetivos do curso é o de incentivar a educação para a morte e a valorização da Vida. Patrícia grafa essa palavra assim por acreditar que cada existência se revela de maneira singular e especial. Seu engajamento permitiu que profissionais de saúde se beneficiem da reflexão sobre maneiras de acolher o sofrimento humano.

A sociedade do espetáculo marcada pelo fetiche da mercadoria é o ponto inicial do capítulo de Avimar Ferreira Júnior e Marcos Emanuel Pereira, “Cuidados na divulgação da morte por suicídio e por homicídio: uma perspectiva crítica”. A perda da

noção da totalidade da vida e a reafirmação da lógica de produção e do consumo incidem em prejuízos para os indivíduos, pois embasam o pensamento de que se fizesse “da violência, do sofrimento e da morte espetáculos e produtos a ser vendidos”. Os autores analisam os problemas do efeito Werther e, partindo da ótica freudiana, tecem considerações sobre a identificação como ponto fundamental para se compreender o suicídio por contágio e a cautela necessária ao se noticiar a morte de alguém. Nas palavras dos autores, “as cenas mostradas não são apenas informação compartilhada, mas a estilização mórbida da morte”, e endossam ser importante que seja resguardada acima de tudo “a dignidade dos envolvidos e de seus familiares e fãs”.

A interdição da morte é realidade no cotidiano. Em contrapartida, é pela comunicação ampliada e pela discussão reflexiva sobre a morte, o morrer e a qualidade de vida alcançada pelo acolhimento que lapidaremos nosso papel como profissionais de saúde. A tarefa de abordar e acolher o sofrimento existencial ajuda-nos a viver com dignidade em momentos de melindre, solidão, ceticismo e desesperança. Se todos morreremos, podemos deixar nossas marcas existenciais. Permanecerão o amor compartilhado, as boas relações e as vivências que temos com outros e servirão de legado quando partirmos. A vida é efêmera e exige a apropriação de quem somos e da maneira como conduzimos nossa existência. Que a vida seja comemorada em sua plenitude, a morte respeitada e o luto, acolhido!

1. Morte com dignidade

Maria Julia Kovács

Nas últimas décadas a ciência médica tornou obsoletos séculos de experiência, tradição e linguagens relativas à nossa mortalidade e criou uma nova dificuldade para a humanidade: como morrer.

(Gawande, 2015, p. 131)

MORTES INDIGNAS NO SÉCULO 21

OBSERVAMOS NOS DIAS DE hoje um modo desumanizado de morrer, que não leva em conta valores e desejos do paciente, afirma Menezes (2004). Pensava-se que o ocultamento da proximidade da morte caminhava para o bem-estar do paciente. Entretanto, esse procedimento não permite que este participe ativamente do seu tratamento e da finalização da vida. *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói (1998), é o retrato da morte indigna: a história mostra a falta de compreensão e de compaixão dos familiares para com o sofrimento do personagem. Essa obra constitui um marco para a discussão sobre o processo de morrer na época contemporânea. E, embora tenha sido escrita no final do século 19, ainda se mantém atual.

Segundo Ariès (1977), na mentalidade da morte domada, nas guerras ou doenças, preservam-se valores como o planejamento do morrer – com proximidade da família, despedidas e testamentos